

CAMINHOS DO ASSOCIATIVISMO NEGRO EM PELOTAS DA DIÁSPORA À ACADEMIA DO SAMBA

PAULO HENRIQUE SEVIDANES; ROSANE APARECIDA RUBERT

Universidade Federal de Pelotas – sevidanes@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A análise das transformações na utilização da música pelas comunidades negras em Pelotas ao longo do tempo, especialmente através das instituições associativas como o clube social negro Fica Ahí pra Ir Dizendo e a escola de samba Academia do Samba, podem fornecer chaves de compreensão importantes sobre a relação entre música e comunidades negras na região. A trajetória marcante dessas instituições, que inicialmente surgiram como um cordão carnavalesco e depois evoluíram para um clube associativo e uma escola de samba, reflete a relevância da música como elemento central na coesão e identificação da comunidade negra. A música, nesse contexto, funcionou como um fio condutor que uniu e mobilizou os membros da comunidade, proporcionando um senso de pertencimento.

O momento pós-abolição se revela como um ponto de virada crucial, marcado pela formação de instituições associativas por parte da população negra. Essas organizações surgiram como respostas às demandas sociais e culturais da época, permitindo a celebração das tradições afro-brasileiras, além de desempenharem um papel significativo na construção de identidades coletivas. Dessa maneira, ao explorar esse contexto, podemos compreender a trajetória dessas instituições associativas ao longo do tempo, culminando no surgimento e desenvolvimento da Escola de Samba Academia do Samba como uma expressão cultural e social da Pelotas contemporânea.

Loner, 2001, p.29 destaca a existência de uma forte articulação entre associações negras e associações operárias na cidade de Pelotas. Isso se deve ao fato de que, ao contrário de São Paulo, em Pelotas houve uma significativa inserção dos negros como trabalhadores assalariados após a abolição da escravidão. A inserção de negros no mercado de trabalho proporcionou o aparecimento da elite negra pelotense, que era caracterizada por uma população negra que obteve um ascensão econômica no pós abolição. O clube negro Fica Ahí pra Ir Dizendo, que se destacou como um espaço de resistência em contraponto à lógica excludente e segregacionista da época. O Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo teve sua fundação em 27 de janeiro de 1921, a princípio como um cordão carnavalesco formado por um grupo de amigos.¹ O Fica Ai para ir Dizendo era um clube da “elite negra” pelotense, enquanto outros clubes como o Chove Não Molha e o Depois da Chuva possuíam integrantes de classes econômicas mais baixas. “Silva, 2011, LONER, 2008, p. 254”.

¹ Existem suspeitas que o grupo tenha surgido como uma dissidência de outro clube importante da cidade, o Chove Não Molha.

No século XX, o clube buscou estabelecer uma proposta integracionista, que procurava conciliar a luta pela igualdade de direitos com a inserção na sociedade pelotense. Por meio de ações culturais, esportivas e políticas, o clube promoveu o fortalecimento dos laços comunitários e indenitários enquanto promovia a busca por espaços de representatividade dentro de uma sociedade que ainda reproduzia fortes desigualdades. Mas o que significava ser igual na sociedade Pelotense? Para uma comunidade negra constantemente segregada o que significava ser igual em um local extremamente elitista? Faço esses questionamentos para relacionar a lógica integracionista no contexto Pelotense, pois para se igualarem e ser aceitos os negros tiveram que criar uma série de códigos de conduta, muitas vezes criando segregações entre si.

Conforme mencionado previamente, o ano de 1921 marca a criação do Cordão Carnavalesco Fica Ahi Pra Ir Dizendo, tornando-se o foco da linha histórica explorada nesta pesquisa. Essa investigação contextualiza a chegada dos negros em Pelotas-RS, suas condições de vida, interações sociais, relações comunitárias e expressões musicais. Todas essas facetas se entrelaçam na construção do estudo principal: a Escola de Samba Academia do Samba. Em 1982, a Academia do Samba, que operava como um departamento dentro do Clube Fica Ahi pra Ir Dizendo, tomou a decisão de se desvincular do clube. Essa escolha foi motivada pelo fato de que o Clube Fica Ahi não aceitava a presença de membros da Academia do Samba que não fossem associados ao próprio clube. É crucial notar que o Clube Fica Ahi mantinha uma perspectiva racial orientada para o integracionismo, buscando a integração de seus membros na sociedade elitista de Pelotas. Como mencionado por Silva (2011) e Morales (2020), alguns traços de elitismo se relacionam com essa lógica de integração.

O elitismo presente na cidade de Pelotas, de onde tanto o Clube Fica Ahi quanto a Academia do Samba tiveram origem, reflete em certa medida essa perspectiva integracionista. A elite negra de Pelotas alcançou ascensão econômica em parte devido às carreiras militares, que permitiram que muitos de seus membros aprendessem música e instrumentos de sopro. Houve períodos em que o cordão carnavalesco Fica Ahi pra Ir Dizendo chegou a contar com uma orquestra de sopro composta por mais de 50 músicos, a maioria deles com ligações militares. No entanto, com o tempo, essa orquestra caiu em desuso, principalmente devido à incapacidade do Clube Fica Ahi de arcar com os altos custos exigidos pelos músicos para suas apresentações.

Dessa forma, podemos perceber que a perspectiva integracionista e elitista teve um impacto significativo na estrutura associativa do Clube Fica Ahi e na Academia do Samba, bem como nas mudanças nas práticas musicais da população negra em Pelotas que estava envolvida com essas associações. Esse contexto revela nuances importantes da história da comunidade negra na cidade e as complexidades das dinâmicas sociais e culturais que moldaram essas organizações ao longo do tempo.

2. METODOLOGIA

A natureza da colaboração e do envolvimento com um coletivo em antropologia vai além de meramente participar ou contribuir. Por essa razão, o projeto colaborativo é caracterizado pela co-teorização, um processo que emerge das práticas em constante evolução de co-conceitualização, como apontado por Rappaport (2008).

Essa forma de compreender colaboração permite que ao longo da pesquisa, os participantes trabalhem conjuntamente para construir teorias e conceitos. Este trabalho em conjunto se dá através da “tradução” e interpretação do antropólogo/a da realidade percebida pelo interlocutor. A co-teorização se torna uma ferramenta de engajamento, onde a compreensão e a interpretação da realidade são forjadas coletivamente, ampliando o que seria uma visão única. Nesse sentido, ressaltando a natureza participativa e colaborativa da pesquisa comunitária, torna-se essencial reconhecer a centralidade da voz da comunidade. Em vez de ser uma abordagem única em que o pesquisador impõe suas próprias categorias e interpretações, a pesquisa participativa/colaborativa reconhece que as comunidades tem uma compreensão profunda de suas próprias vidas e contextos. Os pesquisadores atuam como facilitadores desse processo de autodefinição, trabalhando em conjunto com os membros da comunidade para explorar suas experiências, histórias e perspectivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em suma, a pesquisa em andamento que faz parte de minha dissertação de mestrado busca mergulhar nas interações e histórias dos interlocutores, membros da Academia do Samba, que são figuras centrais na etnografia, traçando um panorama do associativismo negro em Pelotas vinculado a Academia do Samba. O processo de desvinculação da Academia do Samba do Clube Fica Ahi pra Ir Dizendo em 1982, motivado por diferenças de perspectiva destaca as tensões presentes na elite negra pelotense, mas também ressalta como essas questões de organizações associativas influenciam a manutenção da cultura musical expressa no carnaval através da Academia do Samba. Ao longo dessa pesquisa, a relação entre música, carnaval, religiosidade e identidade racial emerge como elementos intrincados na história da comunidade negra em Pelotas. A trajetória da Academia do Samba, desde sua formação até os dias atuais, é um reflexo vivo dessa rica costura cultural, onde as práticas musicais desempenham um papel central nos processos das identidades afro-brasileiras.

4. CONCLUSÕES

Continuarei explorando as histórias individuais e coletivas desses interlocutores, aprofundando a compreensão da cultura afro-brasileira em Pelotas e da transformação do associativismo negro ao longo do tempo. Através dos relatos e experiências dos interlocutores, busco contribuir para um retrato mais completo e sensível da diáspora africana no contexto brasileiro e, ao mesmo tempo, perceber qual é o papel da prática musical na cultura afro-brasileira na cidade de Pelotas. Concluindo, é fundamental reconhecer que as práticas culturais dos escravizados e dos negros contemporâneos não podem ser homogeneizadas ou consideradas as mesmas. Ao longo dos anos, essas comunidades enfrentaram mudanças significativas em suas motivações para a associação, e é exatamente essa transformação das motivações dos indivíduos anônimos que compõem essas comunidades que se revela como o cerne desta pesquisa. A evolução das dinâmicas associativas, das estruturas musicais e das expressões culturais reflete não apenas a resiliência dessas comunidades, mas também a maneira pela qual elas se adaptaram e se reinventaram ao longo do tempo. À medida que continuamos a explorar as histórias e experiências desses indivíduos, contribuimos para uma compreensão mais profunda e enriquecedora da diáspora africana no

contexto brasileiro e celebramos a vitalidade e a transformação contínua da cultura afro-brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande, 1888-1930**. Editora e Gráfica Universitaria-UFPEL, 2001.

MORALES, Patrícia Fernandes Mathias. **Racismos e antirracismos a partir do Clube Cultural Fica Ahi pra ir dizendo (Pelotas-RS)**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

RAPPAPORT, Joanne. 2008. “**Más allá de la observación participante: la etnografía colaborativa como innovación teórica**”. In *Prácticas otras de conocimiento(s). Entre crisis, entre guerras*, pp. 323-352. Guadalajara: CLACSO

SILVA, Fernanda Oliveira da et al. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. 2011.